



Jornais escolares: arautos de ensinamentos patrióticos e pacifistas (Santa Catarina/Brasil/1940-1960)

School newspapers, heralds of patriotic and pacifist teachings (Santa Catarina, Brazil: 1940-1960)

Maria Teresa SANTOS CUNHA

Programa de Pós-Graduação em História/ UDESC/ SC

Programa de Pós-Graduação em Educação/ UDESC/ SC

Pesquisadora do CNPq – Nível 1D

Cristiani BERETA DA SILVA

Programa de Pós-Graduação em História/UDESC/SC

Mestrado Profissional em Ensino de História/ ProfHistória/UDESC/SC

Pesquisadora do CNPq – Nível 2

RESUMO: Este artigo analisa dois jornais escolares produzidos por estudantes do primário, que circularam entre as décadas de 1940 e 1960. Para a discussão proposta estabeleceu-se um recorte temporal diferente, selecionando-se apenas os números publicados entre os anos de 1942 a 1952, em razão da periodicidade dos exemplares disponíveis nos arquivos. Nesses números o olhar dirigiu-se para textos e notas sobre vultos nacionais, datas comemorativas e outros temas do cotidiano escolar voltados para a construção de valores cívicos e patrióticos, associados, por vezes, ao pacifismo, em razão da participação do Brasil na Segunda Guerra. Estas questões apareciam principalmente por meio das ações empreendidas pelas associações auxiliares da escola, como, por exemplo, a Liga Pró-Língua Nacional, a Liga da Bondade e o Pelotão de Saúde. Práticas nacionalistas de forte apelo cívico e patriótico eram as mais privilegiadas em diferentes textos assinados pelos estudantes. Esses jornais, integrados a cultura material escolar, são capazes de informar vestígios de práticas, costumes e rituais que reforçavam uma dada cultura escolar, conformando memórias sobre o período.

PALAVRAS-CHAVE: jornais escolares; cultura material escolar; associações auxiliares da escola; patriotismo, pacifismo.

ABSTRACT: This article analyses two school newspapers produced by primary school pu-pils, in circulation in Brazil between the 1940s and the 1960s. The study focuses on issues published 1942-1952, based on the greater availability of archival material for this period. Specific attention is paid to stories and reports on national figures, commemorations and other aspects of school life designed to build civic and patriotic values, including pacifism,

particularly in the wake of Brazil's participation in World War II. Discussion around these topics was mainly prompted by actions led by auxiliary school associations such as the National Pro-Language League, the League of Kindness and the Health Platoon. Nationalistic activities with a strong civic and patriotic appeal feature most prominently in the pupils' reports. Viewed as part of the wider material school culture, these newspapers provide a record of the practices, customs and rituals that shaped the educational culture of the time and constructed collective memories.

KEYWORDS: school newspapers; material school culture; auxiliary school associations; patriotism, pacifism.

Introdução

Amarelados, com partes amassadas, rasgadas, riscadas, cortadas, queimadas, comidas por insetos e/ou roedores... Com essas e outras marcas do tempo alguns jornais escolares resistiram ao completo esquecimento e chegaram até o presente. Manuscritos ou impressos - escritos por estudantes (muitas vezes com ajuda de professores ou outros adultos) e endereçados a estudantes, mas também a outros adultos do cotidiano escolar – esses jornais são testemunhos de presentes passados, de “restos” de escolas¹, de práticas culturais e políticas, de fazeres e saberes, de relações sociais e de poder. Salvos da destruição - por acidente ou por necessidades várias de preservação, incluindo o “arquivamento do eu”² - fazem parte do conjunto de documentos “cada vez mais distantes do tipo de documento ligado ao fundo de arquivos já instituídos, ou seja, dos documentos conservados em razão de sua suposta utilidade”³. Caçados por historiadores, anexados ao vasto território da pesquisa histórica nos últimos anos, têm instigado a revisão das relações estabelecidas historicamente entre escola, sociedade e cultura.

Os jornais escolares conformam parte da imprensa pedagógica ou educacional, ou seja, um conjunto de publicações que pode ser feita por docentes para docentes, por estudantes ou docentes para estudantes ou docentes, ou ainda pelo Estado ou outras instituições, endereçados a docentes e/ou estudantes⁴. Tal conjunto possui características identitárias próprias e complexas em razão dos sujeitos e instituições envolvidos no processo de sua construção e ao público a que se destina. Mas pode-se afirmar que sua principal marca é a vinculação direta com assuntos que afetam os processos de educação

¹ “Restos da escola são, pois, materialidades com memória”. Agustín Escolano Benito, *A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia* (Campinas/SP: Editora Alínea, 2017), 227.

² Philippe Artières, “Arquivar a própria vida”, *Estudos Históricos*, 21 (1998): 9-34, <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200> (Consultado em 27 de abril de 2018).

³ Paul Ricoeur. *Tempo e narrativa: O tempo Narrado*, volume 3 (São Paulo: Martins Fontes, 2010), 200.

⁴ Maria Helena Camara Bastos, “As revistas pedagógicas e a atualização do professor: a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1992)”, em *Educação em Revista: a imprensa periódica e a História da Educação*, org. Denice Barbara Catani e Maria Helena C. Bastos (São Paulo: Escrituras, 2002).

e de ensino, como indica o estudo de Martin Lawn⁵ que aborda a constituição do processo de escolarização com destaque ao contexto material e permite considerar os jornais escolares também como ferramentas da escolarização.

No Brasil, a escrita da história por meio dos periódicos⁶ é observada a partir da década de 1970, quando o alargamento do campo de preocupação dos historiadores deslocou o estatuto da imprensa, antes objeto de suspeição, e a legitimou como fonte da pesquisa histórica. A partir da década de 1980, a imprensa periódica ligada ao ensino e a educação – nesse tempo muito mais aquela produzida pelo Estado – passou a se tornar objeto também das pesquisas da história da educação. Desde então o interesse dos historiadores se estendeu para outras produções periódicas: aquelas produzidas por estudantes ou docentes voltados também para esse público, em diferentes níveis de ensino.

Contudo, ainda assim, pode-se afirmar que dentre os periódicos pedagógicos ou educacionais, os mais privilegiados ainda são aqueles produzidos e/ou voltados para os docentes. Os estudantis, produzidos pelos estudantes para estudantes, ainda carecem de estudos mais adensados e abrangentes. Essa é uma das conclusões que chega Maria Helena Camara Bastos⁷, em levantamento da pesquisa historiográfica existente sobre a imprensa estudantil, no Brasil e na América Latina. Nesse estudo a pesquisadora também aponta que, muito embora haja vestígios da existência de periódicos escolares no século XIX, a maioria das pesquisas analisa produções do século XX, mais especialmente as situadas nas décadas de 1930 a 1960. Conclui, ainda, que os estudos que tratam dos jornais produzidos no âmbito do Primário, são ainda mais lacunares quando se compara com o Secundário⁸. Isso decorre principalmente da falta de conservação desses documentos

⁵ Martin Lawn, “Uma pedagogia para o público: o lugar de objetos, observação, produção mecânica e armários-museus”, *Linhas* 26 (2013): 222–243, <http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723814262013222>. (Consultado em 14 de março de 2019).

⁶ Tania Regina de Luca, “História dos, nos e por meio dos periódicos”, em *Fontes históricas*, org. Carla Bassanezi Pinsky (São Paulo: Contexto, 2006).

⁷ Maria Helena Camara Bastos, “Impressos e cultura escolar. Percursos da pesquisa sobre a imprensa estudantil no Brasil”, em *La prensa de los escolares y estudiantes. Su contribución al patrimonio histórico educativo*, org. José María Hernández Díaz (Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2015).

⁸ No Brasil, entre as décadas de 1930 a 1960, os ensinos Primário e Secundário possuíam a seguinte organização: até 1946 o Primário era de responsabilidade dos governos estaduais e seu funcionamento, bem como os tipos de escolas existentes, variava segundo as especificidades de cada Estado. Apenas após o Decreto-Lei nº 8.529, de 1946, que esse nível passaria a ser organizado e regulado nacionalmente, funcionando com dois cursos sucessivos – elementar (duração de quatro anos, obrigatório) e complementar (duração de um ano). Exames de admissão para a matrícula na 1ª série do Secundário eram obrigatórios em todo o território nacional (entre 1931 e 1971). A Reforma Francisco Campos (Decreto nº 19.890, de 1931) instituiu a obrigatoriedade dos exames e organizou o Secundário em dois cursos seriados: fundamental (com duração de cinco anos) e complementar (com duração de dois anos), este último exigido para o acesso a alguns cursos superiores. Em 1942, o Secundário sofreu nova alteração com a Reforma Gustavo Capanema (Decreto-Lei nº 4.244): passou a ser dividido em dois ciclos: um primeiro, chamado de Ginásio (com quatro anos), e um segundo, chamado de Colegial (com três anos e dividido em dois tipos de cursos: Científico e Clássico). Essa organização só foi alterada pela Lei nº. 5.692/71, que extinguiu os exames de admissão e unificou o Primário com o Ginásio, constituindo o Primeiro Grau (duração de oito anos) e o Segundo Grau (duração de três anos). A Lei nº. 9.394/96 alterou novamente esses níveis de ensino: o Primeiro Grau passou a se chamar Ensino Fundamental (duração de nove anos) e o Segundo Grau, de Ensino Médio (duração de três anos). Ver: Cristiani Bereta da Silva, “História do Brasil como saber escolar

pelas instituições, convertendo-os em documentos raros à pesquisa. “Informações sobre a publicação de jornais escolares encontram-se em relatórios, mas em acervos é difícil localizar coleções completas, somente alguns exemplares que não permitem rastrear o ciclo de vida e de produção”.⁹

A discussão aqui apresentada espera ser uma contribuição ao campo desses estudos posto que é tanto resultado de pesquisas mais abrangentes¹⁰ quanto também propõe se debruçar sobre jornais escolares produzidos por estudantes do Primário de duas escolas situadas na cidade de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina/Brasil. O jornal *Pétalas Infantil*, do Colégio Coração de Jesus, e o jornal *A Criança Brasileira*, do Grupo Escolar Lauro Müller. Muito embora os dois jornais tenham uma série preservada que evidencia que foram produzidos e circularam entre as décadas de 1940 e 1960, para esse artigo selecionaram-se apenas os números publicados entre os anos de 1942 a 1952, com o objetivo de oportunizar tanto um olhar diacrônico, quanto sincrônico sobre eles. Isso porque os arquivos possuem séries preservadas desse recorte temporal e que coincide com o primeiro número do jornal *A Criança Brasileira* (de 1942) e do último do *Pétalas Infantil* (de 1952). Defende-se que tal exercício, mesmo que difícil, possa contribuir para evidenciar algumas relações de proximidade ou de distanciamento desses jornais, que coexistiram e partilharam de diferentes culturas, também contemporâneas, como a escolar, a histórica e a política.

A leitura foi realizada no âmbito da cultura material escolar entendida como “o estudo dos artefatos e contextos materiais relacionados à educação escolarizada”¹¹ e as análises empreendidas vinculam-se, igualmente, ao campo de pesquisa da história da educação e da cultura escrita¹². Assume-se o pressuposto de que “a imprensa pedagógica se constitui em um dispositivo privilegiado para a reflexão sobre o modo de produção de discursos”¹³

nos livros didáticos dos exames de admissão ao ginásio (1931-1971)”, *Revista de História e Historiografia da Educação*, 2 (2018): 114-141, <https://revistas.ufpr.br/rhhe/article/view/57643>. (Consultado em 27 de fevereiro de 2019).

⁹ Maria Helena Camara Bastos, “Impressos e cultura escolar. Percursos da pesquisa sobre a imprensa estudantil no Brasil” em *La prensa de los escolares y estudiantes. Su contribución al patrimonio histórico educativo*, org. José María Hernández Díaz (Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2015), 28.

¹⁰ Nos últimos anos ambas as pesquisadoras vêm incorporando jornais escolares ao *corpus documental* de suas investigações, financiadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Maria Teresa Santos Cunha investiga a história da leitura e da cultura escrita, arquivos pessoais e patrimônio histórico-educativo e Cristiani Bereta da Silva tem o ensino de história como principal objeto de estudo, explorado por meio de questões relativas as culturas política, histórica e escolar, narrativas e memórias. Informa-se, ainda, que seus respectivos trabalhos se vinculam ao Grupo de Pesquisa *Ensino de História Memória e Culturas* (UDESC/CNPq), que conta também com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC), por meio de chamadas públicas de apoio a infraestrutura dos grupos de pesquisa da UDESC.

¹¹ Rosa Fátima de Souza, “História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial”, em *Culturas Escolares, Saberes e Práticas Educativas*, org. Marcus Levy Bencostta (São Paulo: Cortez, 2007), 170.

¹² António Castillo Gomes, (Coord.), *Historia de la cultura escrita. Del Próximo Oriente Antiguo a la sociedad informatizada* (Madrid: Ediciones Trea, 2002).

¹³ Maria Helena Camara Bastos, “As revistas pedagógicas e a atualização do professor: a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1992)”, em *Educação em Revista: a imprensa periódica e a História da Educação*, org. Denice Barbara Catani e Maria Helena Camara Bastos (São Paulo: Escrituras, 2002), 73.

e, ao mesmo tempo, permite reconhecer aspectos que criam possibilidades para conhecimento da cultura material escolar brasileira.

Considerado *material ordinário* os jornais são aqui entendidos como produções discursivas e escolares de um determinado tempo e lugar que tanto pelos suportes em que se apresentam à leitura, como pelos preceitos cívicos, pacifistas e patrióticos que punham em circulação, permitem pensar sua importância na construção de uma dada memória. Este estudo centrou-se na análise dos artigos e comentários que expressavam a presença de biografias de vultos nacionais, datas comemorativas, notícias do cotidiano da escola, principalmente aqueles referentes às associações auxiliares da escola, notadamente o Pelotão de Saúde, a Liga da Bondade e a Liga Pró-Língua Nacional. Tais associações propunham práticas nacionalistas com apelo patriótico e pacifista e permitem pensar a sua importância como veículos para expressão desses ensinamentos integrados à cultura material escolar e capazes de informar vestígios de uma dada cultura escolar, conformando memórias sobre o período.

As associações auxiliares ou complementares da escola foram instituídas no ensino Primário ainda na década de 1930, no Brasil. O Departamento de Educação, criado em 1935, em Santa Catarina, elencava quais seriam as associações e suas respectivas finalidades, bem como de que maneira deveriam ser organizadas. Elas foram normatizadas e tornadas obrigatórias no ano de 1944, com a vigência do Decreto-Lei n.º 2.991/44¹⁴, e seus objetivos se voltavam à preparação de futuros cidadãos para a sociedade moderna. O próprio diretor do Departamento de Educação, professor Elpídio Barbosa¹⁵, considerava importante a difusão dessas associações nas escolas, como parte de um projeto educativo que, em síntese, contribuisse para a formação de uma infância que reverberasse em futuros cidadãos saudáveis e úteis à Nação Brasileira, segundo ele: “Por intermédio das associações bem orientadas, colocaremos a Escola nos moldes compatíveis à evolução, que a vida experimenta, visto ser a fonte preparadora das gerações em caminho de um plano melhor, condizente com a nossa civilização”.¹⁶

Desde o início do século XX até a década de 1960, foram instituídas as seguintes associações auxiliares da escola, não necessariamente nesta ordem: Liga Pró-Língua

¹⁴ Com o objetivo de diminuir o número de notas de rodapé, as referências completas da legislação citada no corpo do texto estarão apenas ao final, em “Fontes”.

¹⁵ Elpídio Barbosa (1909-1966) foi personagem importante no meio educacional catarinense, tendo exercido diferentes funções, a saber: Inspetor Escolar (1931-1934), Técnico do Departamento de Educação de Santa Catarina (1935-1940), Diretor-geral do Departamento de Educação (1940-1951); Inspetor-geral do Ensino Normal (1950), Orientador pedagógico do SESC, em Santa Catarina (1955); membro do Conselho Diretor da Fundação da UDESC (1957); Secretário de Estado da Educação e Cultura (1963-1965), Presidente do conselho estadual de educação (1963). Informações obtidas de Neide Almeida Fiori, *Aspectos da evolução do ensino público: ensino público e política de assimilação cultural no Estado de Santa Catarina nos períodos Imperial e Republicano* (Florianópolis: EdUFSC/Secretaria da Educação do Estado de Santa Catarina, 1991).

¹⁶ Santa Catarina, *Decreto-Lei Estadual nº 2.991, de 28 de abril de 1944. Estabelece instruções para as associações auxiliares da escola nos estabelecimentos de ensino estaduais, municipais e particulares* (Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1944), 1.

Nacional, Caixa Escolar, Cooperativa Escolar, Clube Agrícola, Pelotão de Saúde, Biblioteca Escolar, Jornal Escolar, Clube de Leitura, Liga da Bondade, Círculo de Pais e Professores, Orfeão Escolar, Museu Escolar e Centros de Interesse. Observa-se que o jornal escolar ocupava dupla função. Era ele mesmo uma prática política e educacional, que deveria atender as expectativas hipotecadas as associações auxiliares, e, ao mesmo tempo, operava como importante divulgador das outras associações existentes na escola.

Por meio desses jornais foi possível investigar/reconhecer a expressão de diversas vivências e impressões dos alunos e alunas como “peças” de suas respectivas instituições, priorizando, portanto, as atividades discentes. Pela organização e pelo conteúdo veiculado, tudo indica que sua produção tinha a aquiescência e era revisado pelas próprias equipes de Direção, posto que atendia a preceitos legislativos vigentes à época. Em suas páginas era possível encontrar, em perfeita expressão escrita, notícias sobre o cotidiano escolar, colaborações dos discentes (poesias, redações escolares, notícias de viagens realizadas pela escola), descrições pormenorizadas sobre comemorações e festejos patrióticos que incentivavam a convivência pacífica entre as pessoas. Destacavam-se também os acontecimentos sociais que, em conjunto com os demais temas, conformavam uma espécie de crônica da vida estudantil, oferecendo um sentido para se conhecer aspectos do projeto educativo e da adesão as culturas política, escolar e histórica daquelas instituições escolares.

Deve-se considerar que a produção e circulação desses jornais escolares se deram sob a cultura política estadonovista (1937-1945), período de recrudescimento do nacionalismo e de forte intervenção governamental em toda a sociedade. Também a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, em 22 de agosto de 1942, assinala, no Estado de Santa Catarina, a construção de um clima de medo e de preconceitos contra os imigrantes estrangeiros e seus descendentes, principalmente os alemães. Além disso, abrangem o processo de redemocratização, após o Estado Novo. Todos esses marcos repercutiram nas páginas desses jornais de modo significativo, para além das práticas estudantis cotidianas.

As políticas educacionais brasileiras também passavam por mudanças, como, por exemplo, a promulgação dos Decreto-Lei nº 8.529 e n.º 8.530, em 1946, que organizaram respectivamente os ensinos Primário e Normal em âmbito nacional. Em Santa Catarina, coincide com a promulgação da Lei Orgânica do Ensino Primário (Decreto-Lei Estadual n.º 298/1946), conhecida como Reforma Elpidio Barbosa, complementada pelo Regulamento para os Estabelecimentos de Ensino Primário, por meio do Decreto-Lei Estadual n.º 3.735/1946. A sociedade brasileira da década de 1940 viu recrudescer os debates em torno dos novos rumos políticos, culturais e principalmente na área educacional.

Nesses jornais, observa-se que reverberava, ainda, o que Marta Carvalho escreveu sobre as primeiras décadas do século: “saúde, educação e trabalho eram os três pilares principais sobre os quais se assentava a convicção a respeito da importância da

educação”¹⁷. O primeiro pilar refere-se à preocupação sanitária, a higienização; o segundo com o controle da vadiagem, que difundia a prática pacifista contra os distúrbios oriundos das disputas e tensões pessoais e entre as classes e o terceiro, o propulsor da tão desejada modernização que ensejava práticas cívicas e patrióticas. Estes dispositivos legais e considerados *científicos* estavam afinados com os pressupostos dos princípios escolanovistas, notadamente ao legislar sobre a organização escolar, como a obrigatoriedade do funcionamento das associações auxiliares que neste estudo estão representadas pela Liga Pró-Língua Nacional, a Liga da Bondade e o Pelotão de Saúde. Estas iniciativas ecoaram em políticas geradas sob a insígnia de um Brasil *moderno e laico*, reforçando investimentos escolares em atividades práticas sobre a importância da higiene e bons costumes, da convivência pacífica com os descendentes de imigrantes que habitavam a cidade e do exercício do patriotismo no cotidiano, em razão da urbanização e processo de industrialização em curso no país e na própria cidade de Florianópolis.

Pétalas Infantil

O jornal escolar *Pétalas Infantil* era uma produção manuscrita - feita em folhas avulsas, tipo alçaço¹⁸, medindo 21,5cm horizontais por 31,5cm verticais -, de responsabilidade das alunas do Primário, com idade entre 7 e 10 anos, do Colégio Coração de Jesus¹⁹. Fundado em 1895 pelas Irmãs da Divina Providência²⁰ como colégio feminino, até 1912 se dedicou exclusivamente à educação primária e pré-primária, sendo que o ginásio passou a funcionar em 1935 e o científico em 1947, completando o Secundário. A matrícula de meninos somente foi permitida a partir de 1970.

O jornal tinha por propósito divulgar as atividades escolares desenvolvidas pelas estudantes desse estabelecimento de ensino que atendia a *elite*²¹ florianopolitana. A maioria dos exemplares localizados, entre 1943 e 1952, foi fotocopiado e integra o arquivo pessoal de Maria Teresa Santos Cunha, conforme informa o quadro 1.

O corpus documental, disponível à consulta, é composto por 66 exemplares (alguns não numerados), com uma periodicidade mensal que, em geral, circulava nos meses de abril a novembro. O número de páginas de cada exemplar seguia um padrão comum variando entre 6 e 8, com exceção dos anos de 1943 e 1944, cada qual com apenas 2 páginas, o que pode ser um indício provável de uma experiência inicial de um projeto que se consolidaria posteriormente.

¹⁷ Marta Carvalho, *Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)* (São Paulo: EDUSF, 1998), 148.

¹⁸ O papel alçaço equivale a duas folhas de caderno sem espiral, unidas, que podem ser pautadas ou não pautadas.

¹⁹ Atualmente pertence ao Grupo Bom Jesus, do Paraná, ligado à Ordem Franciscana, e foi renomeado como Colégio Bom Jesus Coração de Jesus.

²⁰ Ordem religiosa alemã que chegou em Santa Catarina nos finais do século XIX.

²¹ Entende-se elite na perspectiva de que há “categorias ou grupos que parecem ocupar o topo de estruturas de autoridade ou de distribuição de recursos [...] os chamados dirigentes, pessoas influentes, abastados ou privilegiados”. Flávio Heinz, “O historiador e as elites: à guisa de introdução”, em *Por outra história das elites*, org. Flávio Heinz (Rio de Janeiro: FGV, 2006), 7.

Quadro 1 - Número de exemplares encontrados (por ano)

Ano	Número de exemplares por ano encontrados	Número de Páginas/ano
1943	02	06
1944	02	15
1945	06	54
1946	08	60
1947	08	53
1948	08	72
1949	08	60
1950	08	75
1951	08	70
1952	08	66

Fonte: Elaborado pelas autoras. Arquivo Pessoal Maria Teresa Santos Cunha

Pode-se dizer que o título “Pétalas” conformava um qualificativo distintivo das publicações estudantis dessa escola, posto que já dava o nome à revista impressa, criada em 1933, e que era uma produção das alunas do curso Secundário. A Irmã Benwarda, então Diretora Geral do Colégio, idealizadora da revista e, ao que parece, de seu título, faz sua apresentação ao público leitor da seguinte forma: “Foi esta a minha intenção, ao idear nosso modesto periódico, depor uma *pétala de alegria* nos corações de minhas boas alunas, verdadeiras flores que ornamentam nossos jardins, as quais envio as minhas saudades e um cordial agradecimento (grifo nosso)”.²²

O título “Pétalas” sinaliza para uma visão idealizada de singeleza, beleza e ordem, conforme indica a *própria justificativa da Diretora*, aludindo as alunas como flores. Em 1943 foi estendido às alunas do curso Primário, ostentando, dessa vez, o adjetivo infantil como subtítulo e apresentando-se em forma manuscrita ao invés de impressa, conforme se observa nas capas²³, aqui inseridas a título de ilustração (Figuras 1 e 2).

²² Irmã Benwarda, Revista Pétalas, n.1, Florianópolis: Typographia da Escola dos Artífices, 1933.

²³ Um estudo das capas já foi realizado por Maria Teresa Santos Cunha, “Folhas voláteis, papéis manuscritos: o pelotão de saúde no jornal infantil Pétalas (Colégio Coração de Jesus - Florianópolis/SC, 1945-1952)”, *História da Educação*, 40 (mai./ago. 2013): 251-266. <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/38096> (Consultado em 15 de março de 2019).

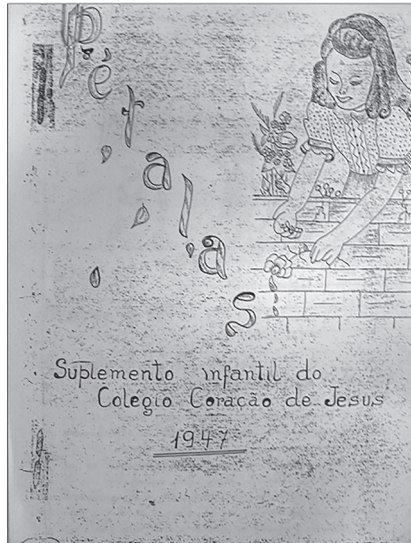


Figura 1. Capa

Fonte: *Pétalas Infantis*, abril de 1947. Arquivo pessoal de Maria Teresa Santos Cunha.



Figura 2. Capa

Fonte: *Pétalas Infantis*, maio de 1948. Arquivo pessoal de Maria Teresa Santos Cunha.

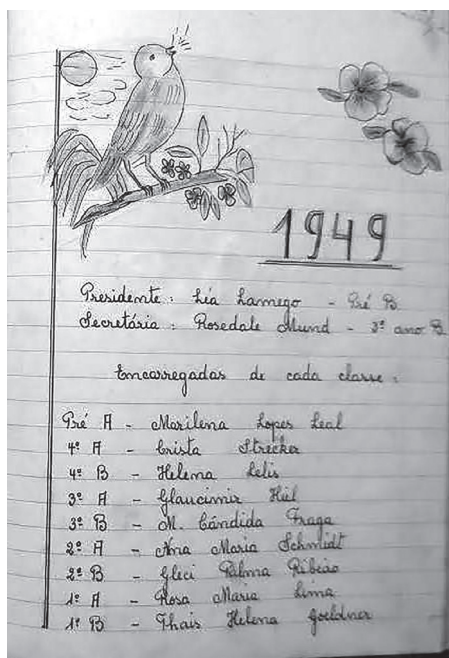


Figura 3. Página indicando os nomes das responsáveis pelo jornal.

Fonte: *Pétalas Infantil*, março de 1949. Arquivo pessoal de Maria Teresa Santos Cunha.

Das páginas do *Pétalas Infantil*, selecionaram-se referências que estabelecem uma relação entre patriotismo, higiene e pacifismo para a educação. Elas refletem a presença, no Colégio Coração de Jesus, das associações auxiliares como o Pelotão de Saúde, a Liga da Bondade e a Liga Pró-Língua Nacional cujas ações apareciam descritas no período entre 1943 e 1952 e englobavam práticas cívicas; pacifistas e patrióticas. O Pelotão de Saúde, a Liga Pró-Língua Nacional e a Liga da Bondade, legalmente formados e respaldados pela legislação escolar²⁴, auxiliavam na manutenção da higiene dentro e fora das escolas, na criação e divulgação de protocolos de civilidade, todos expressos pelo uso correto e corrente da *língua portuguesa*, considerados fundamentais em uma sociedade que se urbanizava rapidamente. Tais associações eram noticiadas no jornal por meio de grêmios específicos que recebiam nomes de vultos nacionais, como o Grêmio Rui Barbosa²⁵ (Liga

²⁴ Santa Catarina, Decreto n.º 3.735, de 17 de dezembro de 1946. *Regulamento para os estabelecimentos de ensino primário no Estado de Santa Catarina* (Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1946).

²⁵ Rui Barbosa (1849-1923) foi um polímata brasileiro, tendo se destacado principalmente como jurista, advogado, político, diplomata, escritor, filólogo, jornalista, tradutor e orador.

Pró-Língua Nacional) e Grêmio Osvaldo Cruz²⁶ (Pelotão de Saúde). A Liga da Bondade visava plasmar uma harmonia, um apelo transcendental aos sentimentos, entre eles o pacifismo. Estas três associações complementares divulgavam questões relacionadas à saúde, à higiene, ao patriotismo e ao pacifismo ancoradas em princípios civilizatórios. Elas mantinham os seus planos de ação baseados no exemplo da boa escrita e na leitura de obras nacionais e em língua portuguesa.

Estas práticas de escritas escolares e infantis são formas de produção cultural e documentos importantes em que se pode fazer confluir os interesses da história da educação com a história da cultura escrita. Esta abordagem vem sendo realizada por António Castillo Gómez e Verónica Sierra Blas, que entendem a história da cultura escrita como “estudo da produção, difusão, uso e conservação dos objetos escritos [...] e, para isso, busca alianças com outros saberes, como os advindos da História da Educação Escolarizada, que têm como seu objeto o estudo da escrita em suas várias modalidades”.²⁷

A história da educação se abre aos objetos escritos em que se põe em cena procedimentos e práticas metodológicas experimentadas em sala de aula e fora dela²⁸ e a história da cultura escrita se interessa pelos aspectos gráficos para entender a materialidade das escritas escolares, a forma como jovens alunos e alunas de apropriavam da tecnologia gráfica para representar o que aprendiam, conheciam e experimentavam²⁹. Combinado aos desenhos, atrela-se uma série de recursos gráficos, como o título da publicação inclinado, o contorno das letras, a cor e o tamanho usado, a data, o desenho de pétalas em queda e, em alguns casos, o nome da Diretora - Gerente sempre ao lado esquerdo, em posição de destaque, conforme se pode observar nas figuras 1 e 2. Todas estas referências formam um protocolo de leitura: sugerem uma leitura, constroem significados e são considerados no âmbito da cultura escrita como “uma fórmula editorial que dá ao objeto formas próprias, que organiza os textos de acordo com dispositivos gráficos específicos”.³⁰

Em agosto de 1952³¹ o jornal traz o registro da visita do Inspetor de Ensino - Professor Américo Vespúcio Prates – que elogiou a instituição e fez referência à excelência da escrita *clara e disciplinada* das alunas responsáveis, como uma experiência ligada à *caligrafia*

²⁶ O nome do patrono do Pelotão de Saúde – Osvaldo Cruz - segue uma proposta de cunho nacionalista ligada a vultos e heróis nacionais, no caso, vinculado à área da saúde, como este médico, também conhecido como um “homem de ciência”. Osvaldo Gonçalves Cruz (1872-1917) foi um cientista, médico, bacteriologista, epidemiologista e sanitaria brasileiro. É reconhecido como o patrono da medicina sanitaria, de base higienista, no Brasil.

²⁷ António Castillo Gomes y Verónica Sierra Blas, coord., *Mis primeros pasos. Alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (siglos XIX y XX)* (Madrid: Ediciones Trea, 2008), 19. Ver também: António Castillo Gomes, coord., *Historia de la cultura escrita. Del Próximo Oriente Antiguo a la sociedad informatizada* (Madrid: Ediciones Trea, 2002).

²⁸ Refere-se, especialmente, aos estudos realizados e coordenados por Ana Chrystina Venancio Mignot, coord., *Cadernos à vista. Escola, memória e cultura escrita* (Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008) e por António Vinão Frago, *Leer y escribir. Historia de dos prácticas culturales* (México: Voces y Vuelos, 2002).

²⁹ Castillo Gomes e Sierra Blas, coord., *Mis primeros pasos*, 15-17.

³⁰ Roger Chartier, *A história cultural: entre práticas e representações* (Lisboa: Difel, 1989), 178.

³¹ Jornal *Pétalas Infantil*, Colégio Coração de Jesus, Florianópolis, agosto de 1952.

muscular. O uso desses termos técnicos relativos à caligrafia mobiliza bases para uma reflexão a partir dos estudos de Diana Gonçalves Vidal e Silvina Gvirtz, que se referem às experimentações sobre *caligrafia muscular* realizadas por Orminda Marques entre 1933 e 1936 na escola primária do Instituto de Educação do Distrito Federal (RJ). Com este tipo de caligrafia “pretendia-se construir uma didática racional da escrita que [...], como expressão do pensamento, oferecesse aos alunos uma técnica de otimização do traçado da letra: legibilidade, clareza, velocidade e elegância”.³² Os estudos sobre ensino da escrita e da leitura realizados por Eliane Peres, no Rio Grande do Sul, mostram “as relações que se estabeleciam com o ato de escrever: escrita-saúde, escrita-corpo, escrita-postura”³³ como natural e ratificam o pressuposto desse estudo que, pelo controle gráfico buscava uma construção de boas posturas físicas, bons comportamentos e boas maneiras.³⁴

As imagens de capa no *Pétalas*, linearmente dispostas, limitavam-se a desenhos que representavam cenas do universo infantil, quase sempre idealizadas e romantizadas, tais como paisagens bucólicas, meninas comportadas e bem vestidas, cercada de flores (pétalas) e rodeadas por animais domésticos que facilitavam a *naturalizada* aproximação entre o mundo animal e o mundo infantil. A presença de colagens de figuras de heróis nacionais como ícones para a exemplaridade, além dos santinhos religiosos, na concretude dos seus detalhes físicos, fazia jus ao *ethos* religioso do próprio Colégio e dava o ritmo para a difusão de princípios de condutas cristãs, em que Deus era o centro de tudo. Nestes materiais, pelos componentes icônicos eram perceptíveis imagens e legendas sobre espírito de justiça, caridade para com os pobres, uma forma de fabricar sujeitos embebidos de valores católicos. Orações, cânticos religiosos e patrióticos, conselhos expressos em máximas e ditos populares reproduzidas nas páginas do jornal foram dando forma às ações pedagógicas e instauravam no âmbito de conselhos sobre ordem, limpeza, estética, higiene, associados a bons comportamentos, formas de ser e modos de realizar também a evangelização e a formação espiritual das meninas sempre presentes em colégios confessionais.

Em *Pétalas*: Pelotão de Saúde, Liga da Bondade e Liga Pró-Língua Nacional

O objetivo do Pelotão de Saúde é inculcar hábitos e orientar a criança na aquisição de conhecimentos práticos, fornecendo-lhe um cabedal de costumes favorável à sua saúde. [...] Revestida de uma indumentária especial por ser infantil, nem por isso estará distante da realidade dos fatos, encarando-os de frente e com a firmeza dos que desejam vencer.³⁵

³² Diana Gonçalves Vidal y Silvina Gvirtz, “O ensino da escrita e a conformação da modernidade escolar: Brasil e Argentina, 1880-1940”, *Revista Brasileira de Educação* 8 (1998): 23.

³³ Eliane Peres, “O ensino da Linguagem na escola primária gaúcha no período da renovação pedagógica (1930-1950)”, em *Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX - XX)*, org. Eliane Peres y Elomar Tambara (Pelotas: Seiva, 2003), 89.

³⁴ Especificamente sobre protocolos de civildade ver: Maria Teresa Santos Cunha, “Das mãos para as mentes. Protocolos de civildade em um jornal escolar/SC (1945-1952)”, *Educação em Revista* 49 (jul./set.2013): 139-159. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602013000300009>. (Consultado em 01 de março de 2019).

³⁵ Santa Catarina. *Decreto nº 3.735, de 17 de dezembro de 1946. Regulamento para os estabelecimentos de ensino primário no Estado de Santa Catarina* (Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1946), 104 -105.

Muito embora sua existência remonte a década de 1930, as associações auxiliares tornaram-se obrigatórias nas escolas primárias catarinenses a partir da década de 1940, passando a sofrer regulações e inspeções constantes quanto a seu funcionamento, por parte do Estado. Dentre elas pode-se afirmar que, além do Jornal Escolar, o Pelotão de Saúde, a Liga da Bondade e a Liga Pró-Língua Nacional ganharam grande repercussão nesse período. Ações como campanhas de higiene, de saúde, de doações de roupas e materiais escolares para “os mais pobres”, comemorações e competições promovidas por essas associações angariavam grande visibilidade à instituição da qual faziam parte. Convém destacar que os governos, brasileiro e catarinense, consideravam importante a difusão dessas associações como parte de um projeto educativo mais amplo que, em síntese, contribuísse para a formação de uma infância que reverberasse em futuros cidadãos saudáveis e úteis à nação brasileira.

Em março de 1945, o reinício das atividades do Pelotão de Saúde, no Colégio Coração de Jesus, foi registrado como grande acontecimento no jornal *Pétalas*, em uma página encimada pelo título **SAÚDE! FORÇA! ALEGRIA!** O lema foi retirado da flâmula do próprio Pelotão e cujo modelo estava contido na legislação de 1946³⁶, que determinava que “a flâmula deveria ser de cor branca, tendo no canto inferior a cruz e este dístico também em letras vermelhas com trinta centímetros de lado menor e sessenta centímetros de comprimento”³⁷. Observar a figura 4, a seguir:

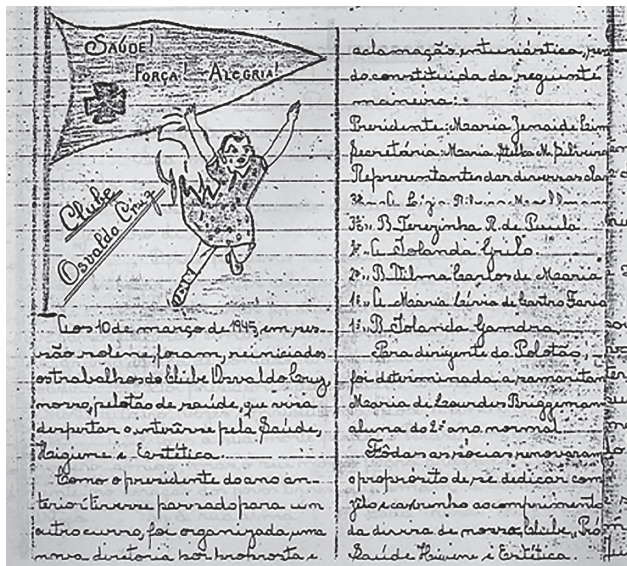


Figura 4. Texto sobre o Pelotão da Saúde.
Fonte: *Pétalas Infantil*, março de 1945. Arquivo pessoal de Maria Teresa Santos Cunha.

³⁶ Santa Catarina. Decreto nº 3.735... *Ibidem*, art. 580, Item 11.

³⁷ *Ibidem*, 106.

Ao longo dos anos em estudo, o jornal *Pétalas Infantil* noticiava que a Diretoria do Pelotão de Saúde era substituída sempre nos meses de março ou abril e havia a apresentação formal dos novos nomes que a compunham bem como a fixação dos propósitos para aquele ano em curso. Em abril 1947, há o registro que “foram renovados os propósitos de dedicação e o cumprimento das obrigações dos deveres para com o Clube” assinado pela aluna Iponá Ribeiro (3º ano B). Em agosto desse mesmo ano, um outro relatório assinado pela mesma aluna anuncia que:

Desde que começou o ano letivo de 1947, nosso Clube entrou nas suas atividades. Meninas zelosas formam a sua diretoria. Elas cuidam para que tudo esteja na maior beleza e higiene possível. Fazemos mensalmente uma reunião, na qual tratamos dos assuntos mais úteis para o engrandecimento do “Clube Osvaldo Cruz”. Assim é que procuramos tornar a escola, um ambiente de conforto, de saúde e de estética. Isto por meio dos preceitos higiênicos que damos á nossas coleguinhas e também pela beleza dos ornamentos de aula com flores. Assim sendo, nosso Pelotão contribui para o bem-estar de todos.³⁸

A edição de *Pétalas Infantil* de agosto de 1946, traz, como conclusão das alunas ligadas à Liga da Bondade, a página intitulada como *PRECEITOS PARA UMA BOA ALUNA*, com os seguintes aconselhamentos:

A boa aluna é aquela que obedece a seus pais e mestres e nunca abusa da bondade das professoras. É uma traidora da Pátria a menina que fala mal de suas mestras. Ser boa é ensinar as lições, dar conselhos, avisar quando uma aluna erra, castigá-las quando merecem. A pátria querida ficará bela, rica e próspera se nós, crianças de hoje e homens de amanhã, soubermos cumprir os nossos deveres.³⁹

Por sua vez, a Liga Pró-Língua Nacional, divulgada no jornal pelo Grêmio Rui Barbosa, por meio do incentivo de leituras e de escrita, enfatizava também a educação de valores cívicos e patrióticos. Por exemplo, na edição de 14 de abril de 1946 encontra-se um relato sobre a comemoração ao Panamericanismo, como princípio pacifista, intitulado: *Um dia para unir as Américas*: “Nós, da *Pétalas Infantil*, comemoramos o Dia do Panamericanismo com alegria. Recitamos poesias sobre a importância da união entre os povos e ao final, cantamos”.⁴⁰

Além dos cuidados com o uso da língua nacional (março de 1947), a Liga incentivava leituras de autores brasileiros e portugueses como José de Alencar (*Romance: Senhora*) e Júlio Dinis (*Romance: As pupilas do Senhor Reitor*), conforme o exemplar de agosto de 1948.⁴¹

Criar hábitos de ordem, expressar-se com clareza, incentivar a prática de princípios higiênicos, sugerir posturas corporais e emocionais e, principalmente, trabalhar tais temas como ensinamentos escolares parece ter sido uma prática recorrente nas atividades prescritas como se pode encontrar em duas notícias veiculadas em 1947 e em 1951. Em junho de 1947, houve um comentário sobre a visita ao Colégio do Inspetor Escolar nos seguintes termos:

³⁸ Iponá Ribeiro 3º ano B, jornal *Pétalas Infantil*, agosto de 1947.

³⁹ Jornal *Pétalas Infantil*, Colégio Coração de Jesus, Florianópolis, agosto de 1946.

⁴⁰ Jornal *Pétalas Infantil*, Colégio Coração de Jesus, Florianópolis, abril de 1946.

⁴¹ Jornal *Pétalas Infantil*, Colégio Coração de Jesus, Florianópolis, agosto de 1948

No sábado, dia 7, estivemos muito satisfeitas porque recebemos a visita do Sr. Inspetor. Fez-nos muitas perguntas e nós ficamos tão contentes porque sabíamos responder a todas. Ele viu nossos cadernos e ficou muito, muito satisfeito por causa da ordem e da letra bonita [...]. Também elogiou nossos comportamentos e atitudes. No fim da aula, cantamos.⁴²

O grupo eleito e aclamado ficava encarregado de promover e manter a higiene na Escola. Entretanto não foram encontrados nos exemplares estudados desse jornal, nenhum tipo de aviso ou comentário, que fosse de cunho fiscalizador ou denunciador. Tudo era apenas prescritivo e feito na base de sugestões, aconselhamentos sutis, e pela transcrição de provérbios como “A exatidão no cumprimento dos deveres é perene fonte de alegria” (junho de 1946).

Ao longo da coleção de jornais em análise, as referências que as jovens alunas fazem a estas associações escolares seguem um protocolo bem particular, mais sutil e com ênfase na higiene, no patriotismo e no pacifismo com escritos que buscam atender às prescrições legislativas. Os textos de orientação centram esforços na conjugação de elementos culturais que celebram tais ações no final do ano letivo, como a aluna Agnes Campos faz publicar em novembro de 1951:

Por ora, com o término do período escolar, finalizam também as nossas atividades deste ano, para recomeçar no ano seguinte, visto compreendermos a importância destas associações para a construção pacífica e ordeira de nosso país e de nossos Estado. Florianópolis, 26 de novembro de 1951.⁴³

Laços afetivos, fruto de amizades pessoais, criaram possibilidades de, no tempo presente, ter acesso a esta coleção de jornais e a partir deles, fazer uma releitura de propostas educacionais que modulam outras épocas e estão representadas em suas páginas. Ao dialogar com este arquivo, como um patrimônio histórico-educativo, foi possível perceber que mesmo que tais documentos registrem e enfoquem aspectos locais podem encontrar ressonâncias, por seus indícios, abrangidas pelo nacional e pelo internacional.

A Criança Brasileira

O jornal escolar *A Criança Brasileira* foi publicado entre 1942 e 1968, assinado por alunos e alunas dos cursos Primário e Complementar⁴⁴ do Grupo Escolar Lauro Müller⁴⁵. Essa instituição foi o primeiro grupo escolar fundado em Florianópolis (1912) e o segundo

⁴² Maria de Lourdes R. de Aguiar, 3º ano A, jornal *Pétalas Infantil*, junho de 1947.

⁴³ Agnes Campos, 4º ano B, jornal *Pétalas Infantil*, novembro de 1951,

⁴⁴ Os cursos complementares foram criados para evitar que ex-alunos e ex-alunas dos grupos escolares menores de 18 anos (homens) e 16 anos (mulheres), ingressassem na Escola Normal. Aqueles que concluíssem os quatro anos dos grupos escolares e que não tinham a idade mínima só poderiam matricular-se nos cursos complementares, podendo, após sua conclusão, ingressar no 3º ano da escola normal. Os cursos complementares só eram criados em centros urbanos, pois eram direcionados aos egressos dos grupos escolares. Também deviam funcionar nos prédios dos grupos escolares e ter os mesmos professores, inclusive o mesmo diretor. Na prática, em Santa Catarina, os cursos complementares formavam professores para atuar em escolas isoladas, das zonas coloniais ou rurais. Convém não esquecer que antes de 1946, os cursos Primários e o Normal não eram de responsabilidade do governo federal, cada Estado regulamentava seu funcionamento segundo suas especificidades.

⁴⁵ A escola continua em funcionamento até a presente data (2019) e oferece ensino de níveis Fundamental e Médio.

em Santa Catarina. Sua inauguração, em 24 de maio de 1912, foi um acontecimento na cidade. Participaram da cerimônia autoridades locais e estaduais, sendo os mais importantes o governador Vidal Ramos e o professor Orestes Guimarães, responsável pela reforma da instrução pública no Estado (1911-1935). Até a década de 1950 abrigava número significativo de alunos que pertenciam às camadas médias urbanas da cidade, que alguns descreveram como parte da “elite”.⁴⁶

Esse jornal era impresso (a exceção do n.º 96, de 1968, que foi manuscrito) e teve tamanho que se aproximava ao formato tabloide⁴⁷, medindo 27,5cm horizontais por 37cm verticais. Foram exceções os números 1 a 5, de maio a novembro de 1942 e 86/87/88/89, novembro de 1959 e outubro de 1960, que eram menores, com 23,5cm por 33cm. Conforme se observa no Quadro 2, o acervo desse jornal é composto por 42 exemplares e 96 números. Todos esses exemplares foram doados a Cristiani Bereta da Silva, por uma professora que os salvou literalmente do fogo, quando um funcionário, atendendo a ordens de seu superior, realizava a “limpeza” de um depósito numa instituição, em Florianópolis. Pela fragilidade do material (que inclui vestígios de fogo) todos os exemplares foram fotocopiados, mas ainda não completamente digitalizados. Sua publicação teve distribuição desigual (considerando-se números e exemplares) entre 1942 e 1953, muito embora tenha sido regular (considerando-se os números e não os exemplares) entre os anos de 1942 e 1960. Observar quadro 2.

Nos jornais do Lauro Müller, publicados em 1942, a professora Nilza Puccini Speck⁴⁸ era creditada como orientadora (ver informações quanto aos editores na parte superior do jornal nas figuras 5, 6 e 7 mais adiante). A partir do número 6, publicado em agosto de 1943, e até o 96, o último número, de 1968, não há mais indicação de orientação de professor nos créditos do jornal. Mas isso não significa, necessariamente, que os professores tenham deixado de exercer esse papel de orientação na organização do periódico. Isso porque a organização estética e política do jornal, a seleção e organização da pauta, a captação de recursos, por meio de anúncios do comércio local, e a impressão em gráfica, fornecem indícios de que havia efetiva participação e contribuição de docentes no jornal, bem como de pais de estudantes interessados no valor do periódico para a promoção intelectual de seus filhos e filhas. A aluna Zita Calado Flores, por exemplo, que desde a fundação e até os números 15-16 (publicados num único exemplar de outubro de 1944) assinava como diretora do jornal, era filha de Altino Flores, jornalista, professor, intelectual reconhecido na cidade. Foi inclusive um dos membros fundadores da Academia Catarinense de Letras (1920), da qual Nereu Ramos também participava, e da Associação Catarinense de Imprensa (1932).

⁴⁶ Ver artigo de Cristiani Bereta da Silva, “Cultura escolar e cultura política: projeto de nacionalização e o jornal escolar *A Criança Brasileira* (Santa Catarina, 1942-1945)”. *História da Educação* 17, 40 (2013):175-195.

⁴⁷ Formato de jornal surgido em meados do século XX, em que cada página mede 26,5cm horizontais por 29,7cm verticais. Encontram-se variações, porém, de 28cm x 38cm e também 29cm x 40cm.

⁴⁸ A nota *Noivado*, publicada no jornal do ano III, n. 9-10, abr., 1944, p. 3, informa que ela se casou e foi nomeada para outro cargo deixando, assim, a escola.

Quadro 2. Números e exemplares localizados do jornal A Criança Brasileira

Anos	Números	Exemplares	Páginas por número
1942 (Ano I)	1, 2,3, 4-5	4	4
1943 (Ano II)	6, 7-8	2	4/6
1944 (Ano III)	9-10, 11-12, 13-14, 15-16	4	4
1945 (Ano IV)	25-26, 27-28, 29-30	3	4
1946 (Ano V)	33-34	1	4
1947 (Ano VI)	35-36; 37-38; 39-40; 41-42	4	4
1948 (Ano VII)	43-44; 45-46; 47-48	3	4
1949 (Ano VIII)	49-50; 51-52; 53-54	3	4
1950 (Ano IX)	55-56; 57-58; 59-60	3	4
1951 (Ano X)	61-62; 63-64-65	2	4
1952 (Ano XI)	66-67; 68-69-70	2	4
1953 (Ano XII)	71-72; 73-75	2	4
1954 (Ano XIII)	76-77	1	4
1955 (Ano XIV)	78-79	1	4
1956 (Ano XV)	80-81	1	4
1957 (Ano XV ⁴⁹)	82-83	1	4
1958 (Ano XVI)	84-85	1	4
1959 (Ano XVII)	86-87	1	6
1960 (Ano XVIII)	88-89	1	6
1962 (Ano XIX)	90-91	1	4
1968 (Ano XX)	96 (manuscrito)	1	4

Fonte: Organizado pelas autoras. Arquivo pessoal de Cristiani Bereta da Silva

⁴⁹ As edições dos anos de 1956 e 1957 foram publicadas como número XV.

O jornal tinha poucas colunas fixas, no sentido estrito do termo. As colunas que apresentaram maior regularidade referem-se ao *Diário festivo*, às *Notas sociais* e aos *Alunos que se distinguem pelo comportamento e pela aplicação*. Depreende-se, porém, que possuía uma organização e distribuição de notícias que se repetiam, por exemplo: destacar figuras ilustres em textos de tom elogioso na primeira página, datas comemorativas diversas, notas sobre as atividades da escola, especialmente aquelas relativas as associações auxiliares. Havia poucas imagens e ilustrações, mas privilegiava-se mostrar, na 1ª página, reproduções fotográficas ou pictóricas de políticos ou vultos heróicos, conforme se observa nas figuras 5, 6 e 7.



Figura 5. Getúlio Vargas.⁵⁰
Fonte: *A Criança Brasileira*, n.º 1, capa, 01 de maio de 1942. Arquivo pessoal de Cristiani Bereta da Silva.

⁵⁰ Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954), liderou a chamada Revolução de 1930, que depôs o então presidente, Washington Luís, e impediu a posse do presidente eleito, Júlio Prestes. Ele foi presidente do Brasil em dois períodos: o primeiro, de 1930 até 1945, sendo que 1937 a 1945, o regime foi ditatorial, conhecido como Estado Novo. O segundo, eleito por meio de voto direto, foi de 31 de janeiro de 1951 até 24 de agosto de 1954, data em que se suicidou.



Figura 6. Nereu Ramos.⁵¹
 Fonte: *Pétalas Infantil*, março de 1945. Arquivo pessoal de Maria Teresa Santos Cunha.

Diferentemente do *Pétalas Infantil* esse jornal contava com diferentes anúncios publicitários que apareciam em quase todas as páginas, ganhando maior espaço na última página de cada exemplar. O primeiro número contava, por exemplo, com oito anunciantes distribuídos nas quatro páginas do jornal. Depois disso, os números dois e três tiveram quatro e cinco anunciantes, respectivamente. As demais publicações variaram entre um e três, mas, nesse caso, os anúncios eram maiores e ocupavam parte significativa de uma página, como toda a barra inferior, por exemplo. A maior parte dos anúncios era do comércio da cidade, como livrarias, farmácias e diferentes lojas de roupas, sapatos, perfumarias etc. Mas também havia propagandas de prestadores de serviços como fotógrafos e eletricitistas. A presença de anunciantes indicava a boa relação que a escola mantinha com o comércio local e a comunidade, o que possivelmente lhe garantia o formato, a impressão e a regularidade de edições.

⁵¹ Nereu de Oliveira Ramos (1888-1958), governador eleito de Santa Catarina a partir de 1935, e nomeado interventor federal entre 1937 e 1945. Foi vice-presidente do Brasil (eleito pelo Congresso Nacional), de 1946 a 1951.



Figura 7. Princesa Isabel.⁵²
 Fonte. *A Criança Brasileira*, n.º 51/52, capa, julho de 1949. Arquivo pessoal de Cristiani Bereta da Silva

A presença constante de anunciantes possibilitava a existência do jornal no formato assumido, ou seja, impresso (ao contrário do *Pétalas*, manuscrito) e indica também diferenças dos usos políticos e pedagógicos de cada jornal pelas instituições que lhes abrigavam. O fato de que um jornal se ligava a uma escola privada, confessional católica e feminina e outro a uma pública, mista e oficialmente laica é outro indicativo. Mas, sobre esse fato deve-se observar que ambas as instituições – no período recortado – eram vitrines da instrução no Estado, sendo que o Grupo Escolar Lauro Müller grande prestígio entre os políticos e a sociedade em geral. A escola era inclusive campo de treinamento das normalistas do Coração de Jesus. Talvez, como que em troca de tal prestígio (e sua manutenção), *A Criança Brasileira* evidenciava com mais força e adesão as normativas

⁵² Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bourbon-Duas Sicílias e Bragança (1846–1921), filha do imperador Dom Pedro II, do Brasil. Assinou a Lei Aurea que libertou os negros escravizados, em 1888.

estaduais emitidas pelo Departamento de Educação e aos projetos políticos estaduais e nacionais em curso.

Isso não significa que o *Pétalas* não aderisse aos mesmos projetos, mas o fazia de outras formas, dando maior ênfase a ações que tivessem uma relação formativa, instrucional, com um olhar voltado mais para o interior do Colégio Coração de Jesus e menos para acontecimentos políticos que lhes eram contemporâneos. Assinados por estudantes - o *Pétalas* apenas do Primário e *A Criança Brasileira* por estudantes do Primário e do Complementar – ambos compartilharam um tempo e culturas comuns, usando de estratégias inerentes ao seu lugar social para lidar com essas referências.

Nacionalismos, conflitos e apaziguamentos nas páginas do jornal *A Criança Brasileira*

Pode-se afirmar que *A Criança Brasileira* aderiu de forma bastante eloquente às representações relativas ao projeto que se materializava, desde a década de 1930, no que se referia à afirmação da identidade nacional brasileira. Entre 1942 e 1952 as datas comemorativas, principalmente as de cunho cívico-patriótico, além da exaltação de cunho ufanista de acontecimentos e dos considerados “vultos e heróis nacionais”, se fizeram presentes de modo constante nas páginas do jornal. A Liga Pró-Língua Nacional, seguida pela Liga da Bondade e o Pelotão da Saúde - nessa ordem, considerando o espaço que ocuparam nas páginas do jornal - destacaram-se tratando de questões cívicas associadas a exaltação de valores patrióticos, higiene e caridade e, por vezes, da paz.

O Pelotão da Saúde, também chamado de Osvaldo Cruz, a exemplo daquele existente no Colégio Coração de Jesus, aparece mais espaçadamente no jornal, entre 1942 e 1948. Preceitos de boa higiene e hábitos alimentares são os temas mais comuns. Chama a atenção que campanhas em relação aos “doentes ou filhos de Lázaro” (referência aos portadores de hanseníase) são compartilhadas entre o Pelotão da Saúde e a Liga da Bondade. Mas uma delas deu visibilidade particular ao Pelotão da Saúde, para além da comunidade escolar. O jornal “O Estado”⁵³ (de circulação diária em Santa Catarina) noticiou a arrecadação de fundos para a “Campanha Prolin”⁵⁴ pelo Pelotão da Saúde, do Grupo Escolar Lauro Müller. Esse fato recebeu, destaque, também do *A Criança Brasileira*:

Esta campanha [...] teve grande êxito, rendendo a quantia de Cr\$ 804,00. Todos os alunos que contribuíram para esta campanha, não só praticaram uma obra de caridade, como também trabalharam por um Brasil são e forte. No dia 10 de dezembro de 1947, o jornal “O Estado” publicou a seguinte nota: ‘Pela professora, sra. Rute Ramos Mello, foi ontem entregue ao nosso diretor, a importância de Cr\$ 804,00, destinada a Campanha do Prolin e angariada pelo valoroso Pelotão de Saúde do Grupo Escolar “Lauro Muller”, desta capital.⁵⁵

A Liga da Bondade, a segunda com maior visibilidade no jornal, aparece em quase todos os números publicados, entre 1944 e 1949. A maioria das notas refere-se a cam-

⁵³ Campanha do Prolin. Jornal *O Estado*, Florianópolis, nº. 10134, 10 de dezembro de 1947, 8.

⁵⁴ Essa campanha ocorreu em diferentes lugares e tinha como objetivo arrecadar fundos para a compra do Prolin, medicamento usado para o tratamento da hanseníase, à época.

⁵⁵ Alba Costa, 4º ano V, *A Criança Brasileira*, nº.43-44, abril de 1948, p.1, capa.

panhas de arrecadação de roupas usadas e, por vezes, também materiais escolares, para serem doados para estudantes do próprio Grupo Escolar. Mas é inegável o espaço concedido à Liga Pró-Língua Nacional que, embora chamando-se “Afonso Arinos”⁵⁶, não aparecia associada a ele nas dezenas de notícias ligadas a ela, veiculadas pelo jornal *A Criança Brasileira*.

Entre 1942 e 1951 a Liga Pró-Língua Nacional do Grupo Escolar Lauro Müller teve suas diferentes ações noticiadas em todas as publicações do jornal. Dentre elas destacam-se a organização da “Semana da Criança”, a “Semana de Caxias”⁵⁷ e a da “Brasilidade”, bem como a promoção de concursos de caráter literário. Três atividades tiveram amplo destaque. A primeira relaciona-se a troca de cartas entre alunos dessa instituição com outras, como forma de “intensificar o gosto pelas coisas da nossa língua e da terra”⁵⁸. A segunda refere-se aos concursos permanentes de redações e declamações envolvendo estudantes de diferentes anos escolares (havia concursos externos também, em que crianças do Lauro Müller competiam com as de outra escola, mas essas, embora regulares, não eram nomeadas como permanentes). E, a terceira, diz respeito as atividades variadas relacionadas aos “Álbuns em Desfile”, que culminavam em festas ou cerimônias comemorativas realizadas no mês de outubro, na “Semana da Criança”. Os álbuns eram confeccionados pelos estudantes com a ajuda e orientação de um professor. Neles destacavam-se – por meio de seleção de imagens e frases – as belezas do Brasil, suas paisagens e outros aspectos geográficos, também elementos do progresso e, sobretudo, biografias dos “vultos brasileiros”. No dia da festa os professores iam passando de sala em sala, mostrando o álbum confeccionado por cada turma enquanto dissertava sobre o conteúdo nele privilegiado. Por isso, o nome: “Álbuns em desfile”. No dia do encerramento da “Semana da Criança” os álbuns eram votados para se escolher o vencedor.

Diferentes personagens de passados distantes e recentes foram escolhidos como vultos e “desfilaram através das palavras dos pequeninos”⁵⁹. A lista inclui, entre outros: Tiradentes, Machado de Assis, Duque de Caxias, Anita Garibaldi e, é claro, Getúlio Vargas. O estudante⁶⁰ que recitou sobre Getúlio Vargas no concurso “Vultos brasileiros em desfile” teve seu verso reproduzido no centro de uma das páginas do jornal, em destaque. Nota-se a constante presença de Getúlio Vargas e mesmo de Nereu Ramos na galeria de heróis desse jornal escolar. Ambos aparecem de forma marcante nas capas das edições em fotos centralizadas, em temas de redações e concursos, bem como em outras homenagens a eles prestadas em diferentes notas.⁶¹

⁵⁶ Afonso Arinos de Melo Franco (1868-1916), jornalista, escritor e jurista brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras.

⁵⁷ Referência a Duque de Caxias ou Luís Alves de Lima e Silva (1803-1880) militar que, dentre outras participações em conflitos internos e externos, chefou as forças brasileiras na Guerra do Paraguai, em 1866, e recebeu do imperador Dom Pedro II o maior título de nobreza dado a um brasileiro, o de Duque.

⁵⁸ *A Criança Brasileira*, ano I; n.º. 2, 5 de junho de 1942, p. 2.

⁵⁹ *A Criança Brasileira*, ano III; n.º. 11/12, de junho de 1944, p. 3.

⁶⁰ Varnel Sousa, 1.º ano, *A Criança Brasileira*, ano III; n.º. 15/16, de outubro de 1944, p. 4.

⁶¹ Especificamente sobre a relação entre o jornal e o Estado Novo ver Silva, “Cultura escolar e cultura política” op. cit.

Outras atividades também possuíam grande apelo patriótico e envolviam ações combinadas de diferentes associações auxiliares, como por exemplo, a relatada abaixo, uma competição destinada exclusivamente a alunos do Primário que envolvia a Liga Pró-Língua Nacional e o Clube de Leitura Cruz e Sousa⁶²:

Realizou-se, neste estabelecimento, num belo dia do mês de agosto, o mais curioso concurso até então patrocinado pela Liga Pró-Língua Nacional e Clube de Leitura Cruz e Sousa. *Vultos brasileiros em desfile*. Interessante competição da qual só participaram alunos dos primeiros e segundos anos primários. Cada garoto dissertou acerca de um grande vulto da nossa Pátria. E assim sob o entusiasmo das vozes infantis reviveram os feitos dos nossos grandes heróis, intelectuais, médicos e sacerdotes. (Grifo no original).⁶³

A imprensa pedagógica - representada aqui pelos jornais *Pétalas Infantis* e *A Criança Brasileira* - evidencia o quanto o investimento na construção do cidadão patriótico, por meio de exemplos de heróis e vultos, encontrou adesão na década de 1940. O jornal *A Criança Brasileira* traz vários indícios que esses acontecimentos (comemoração dos dias que assinalam a “Revolução” de 1930, Estado Novo, aniversário de Getúlio Vargas, Nereu Ramos, Duque de Caxias etc.) faziam parte do cotidiano escolar dos ensinamentos Primário e Complementar do Lauro Müller. Entre 1942 e 1945 também chama a atenção a importância atribuída ao Estado Novo, inclusive o dia 10 de novembro de 1937, foi alçado como uma das datas memoráveis, “o dia do Estado Novo”, conforme se lê abaixo:

O Estado Novo foi criado pelo Grande Presidente Vargas nosso valoroso chefe. O dia 10 de novembro de 1937 passou a ser uma data nacional e um marco que assinala o início de uma nova era para o nosso amado Brasil. O Estado Novo veio impulsionar o grande desenvolvimento patriótico e econômico que o Brasil atingira sob o governo de Getúlio Vargas. Há cinco anos que o Brasil goza as vantagens do Estado Novo. No dia 1º de novembro haverá aqui em nosso Estado uma grande parada em que tomarão parte os Grupos Escolares da nossa Capital. Cada escolar brasileiro tem o dever de comparecer com os melhores uniformes, para melhor homenagear à Pátria. (Grifo nosso).⁶⁴

A constância das referências que exaltavam a Getúlio Vargas e ao Estado Novo, nesse periódico, permite pensar na potente política estado-novista no que diz respeito aos usos dos meios de comunicação, sobretudo os jornais, para fazer propaganda dos projetos do Estado. Nessa direção, destaca-se que *A Criança Brasileira* também se manifestava para fazer cumprimentos às autoridades, como o contemplado na capa da edição de abril de 1944: “‘A Criança Brasileira’ cumprimenta o Interventor Nereu Ramos pela passagem do nono aniversário do seu notável governo”. Todo o texto foi construído louvando-se a pátria, o Estado catarinense e Nereu Ramos.

O contexto de guerra e a necessidade de renúncia e sacrifício por parte dos brasileiros é enfatizada no jornal, como se pode observar no excerto abaixo:

⁶² João da Cruz e Sousa (1861-1898) poeta simbolista, nascido na antiga Desterro, atual Florianópolis, filho de negros escravizados e alforriados.

⁶³ *A Criança Brasileira*, n. 15-16, outubro de 1944, p. 4.

⁶⁴ Jacira Silva, 4º ano T, *A Criança Brasileira*, ano I, n.4-5, 1942, p. 4.

A hora é de afirmação e de fé. O Brasil nunca agrediu Nações, nem desrespeitou tratados. Honrou sempre as assinaturas representativas de sua soberania. Nunca se deixou humilhar ou vencer. O passado afirma-lhe o presente e é garantia do futuro. Como pode, em verdade, amar a Pátria e lhe cultuar dignamente as tradições, o que lhe ignorou de todo ou mal conhece a Língua que Latino Coelho, com irrecusável justeza, dizia ser a mais eloquente revelação da nacionalidade e da independência de um povo. A hora é, portanto, de renúncia e sacrifício. E, sobretudo de confiança e de ação. [...] Dentro no nosso território pequeno para a extensão imensa do Brasil palpita um pouco do seu futuro e da sua vida de Nação realmente soberana.⁶⁵

A evidente oposição aos estrangeiros, a fé depositada nos trabalhos de Nereu Ramos e Getúlio Vargas - chefes de governo, *país da nação* -, e a afirmação da grandeza dos catarinenses, não obstante seu pequeno território, são representações que vão se repetir inúmeras vezes nos números publicados, mesmo depois de 1945. Nesse jornal observa-se uma série de atividades que integram a escola às questões políticas, indicando o quanto os investimentos na construção da brasilidade, na formação produtiva do catarinense e sua disciplinarização ocorreram em sintonia com aumento de práticas de intervenção nas escolas.

A descrição de um aluno sobre visita realizada a uma *Exposição do material de propaganda nazista* dá pistas de como o perigo alemão estava sendo ensinado às crianças:

No dia 28 de julho, à tarde, o nosso diretor, sr. Sálvio Oliveira, levou-nos à Secretaria da Ordem Política e Social para vermos a exposição de utensílios de propaganda nazista. Existiam aí: bandeiras de seda, de um lado alemã e de outro lado brasileira; o busto do Hitler feito a canivete; um depósito para selos, em forma de tanque de guerra, tendo em cima a bandeira alemã; alguns quadros feitos com asas de borboleta. Havia, ainda, retratos de Hitler; condecorações com o distintivo alemão; livros, jornais, dicionários, revistas e álbuns, livros escolares ensinando alemão; aparelho radiotransmissor e máquinas de cinema. Encontravam-se também muitas armas alemãs; um canhão de fogo, espingardas, revólveres, pistolas. Visitamos também o presídio onde se encontravam muitos alemães presos.⁶⁶

Muito provavelmente os materiais de propaganda expostos foram apreendidos pela polícia quando da prisão de alemães acusados de traidores do Brasil. Ressalte-se que não falar a língua portuguesa já era considerado uma ato de traição à pátria brasileira, ao mesmo tempo em que falar o idioma estrangeiro qualificava o falante: se italiano, fascista; se alemão, nazista. Chama a atenção também que até mesmo os presos foram visitados pelos estudantes. Certamente, como parte da estratégia pedagógica, interessava qualificar a condição dos presos como nazistas e o perigo que representavam. A constatação de que havia muitos alemães presos informa parte da política estadonovista. A detenção de presos políticos antecedeu inclusive a declaração de guerra à Alemanha e deixou muitas marcas naqueles que foram presos e em seus familiares, em Santa Catarina, conforme investigações amplamente realizadas.⁶⁷

⁶⁵ *A Criança Brasileira*, 9-10, abr., 1944, capa.

⁶⁶ José Hamilton Duarte Silva, 1º ano Complementar A, *A Criança Brasileira*, ano I, n. 4-5, capa.

⁶⁷ Apenas como um exemplo, entre muitos ver: Marlene de Fáveri, *Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina* (Itajaí: Univali; Florianópolis: UFSC, 2004).

A entrada do Brasil na Segunda Guerra significou o acirramento de tensões e conflitos étnicos, e a construção de um clima de medo no Estado. A publicação de 12 de novembro de 1942, indica como o Grupo Escolar Mauro Müller e a própria cidade de Florianópolis integraram-se a essa nova situação. A nota *A agressão aos nossos navios* se atém em confirmar o quanto o Brasil, de Norte a Sul, foi abalado pela notícia de que haviam sido afundados cinco navios brasileiros:

Confirmava-se pelo rádio essa notícia e o povo indignado saía pelas ruas, pedindo justiça e vingança pela morte de tantas vítimas inocentes. O governo do Brasil, na pessoa do eminente Dr. Getúlio Vargas, não trepidou em declarar guerra aos alemães e italianos, bárbaros trucidadores de quase 800 brasileiros, tripulantes e passageiros dos navios afundados.⁶⁸

Ao lado dessa notícia, na coluna ao centro da página, segue outra nota intitulada *Meus patrióticos*:

O Brasil atravessa uma hora perigosa. Como brasileiros devemos permanecer calmos e confiar sempre em nosso presidente Getúlio Vargas. O afundamento dos navios indefesos pelos bárbaros e traiçoeiros do eixo causou, como era natural, grande indignação ao povo brasileiro. O nazismo vinha formando dentro do Brasil uma nova nação. Lutaremos contra os que querem perturbar a nossa paz e destruir a nossa liberdade. Confiar no presidente Getúlio Vargas é dever de todo bom brasileiro, porque ele repetirá qualquer agressão daqueles que pretendem apunhalar o Brasil pelas costas.⁶⁹

Mas o projeto de construção de nacionalidade em Santa Catarina contou, no período da guerra, com a instauração de um clima de medo e tensão entre a população. Se exagerado ou não, o certo é que as pessoas pareciam mesmo acreditar ou investir na ideia de que um ataque ao Brasil parecia ser um risco iminente. O jornal publicado em 12 de novembro de 1942 é um indício disso. A nota *Defesa passiva antiaérea*, sem autoria, informava sobre a realização de um exercício de defesa ocorrido em Florianópolis, no dia 22 de agosto de 1942, no qual foram distribuídos à população folhetos pelos quais se explicava como se portar durante esse acontecimento. Também os professores do Grupo Escolar fizeram “amplas explicações” recomendando aos estudantes que obedecessem rigorosamente às ordens das autoridades: “Estes exercícios não devem ser tomados como brincados, pois visam ensinar ao povo como portar-se durante um ataque real”.⁷⁰

O exercício acima descrito certamente estava ligado à outras ações, como a indicada na nota *O blackout em Florianópolis*. Ela informa sobre a política de escurecimento da cidade à noite, o consequente recolhimento das pessoas por ordem de Nereu Ramos e sobre exercício na escola, em caso de ataque aéreo:

Em todas as instituições há mais movimento, atualmente. Até nos Grupos fazem-se exercícios de como se deve proceder em caso de ataque aéreo. Assim, começaram as experiências em nosso grupo escolar. Foi mandado limpar o porão onde algumas partes são embaixo de “piso de cimento” e onde nós podemos abrigar. No dia 21 de setembro, nosso diretor, por meio de uma sineta, deu o sinal de alarme.

⁶⁸ Nadir Oliveira, 2º ano Complementar B, *A Criança Brasileira*, ano I, n. 4-5, 1942, p. 2.

⁶⁹ Deni B. de Almeida, 1º ano Complementar, *A Criança Brasileira*, ano I, n. 4-5, 1942, p. 2.

⁷⁰ *A Criança Brasileira*, ano I, n. 4-5, 1942, p. 2.

Corremos a fechar as janelas e as portas. Depois, reunidos, fomos todos para o porão. Passados uns minutos soou o sinal de “tudo calmo”. Voltamos para as classes.⁷¹

As notas *Defesa passiva antiaérea* e *Blackout em Florianópolis* evidenciam práticas que fizeram parte da construção do perigo e do medo na cidade de Florianópolis, no contexto da Segunda Guerra. Eram boatos, notícias publicadas em diferentes jornais, faladas ou sussurradas entre conhecidos, nas ruas, esquinas, casas. Surgiam e aumentavam sem se saber de onde ou por que exatamente. O que se observa é que se tratava de um conjunto difuso de repertórios que corriam as cidades, as casas e as escolas e que deixavam as pessoas inseguras e com medo.

Por outro lado, há notícias que informam práticas de apaziguamento em relação aos imigrantes, nesse mesmo contexto. Um desses exemplos pode ser acompanhado no texto *Um pouquinho do IV ano X*, que apresentava à escola o aluno Alberto Fortkamp:

Como estão vendo, nosso colega tem em sua assinatura uma palavra estrangeira. É de quinta-coluna⁷² a todas as pessoas que assim se assinam? Não! *As pessoas com assinaturas estrangeiras, desde que nascidas ou naturalizadas no Brasil, são brasileiros*. Pensemos um pouco e olhemos para o patrono do nosso Grupo. Lauro Müller - nome estrangeiro, não é? No entanto foi um grande brasileiro, ocupando importantes cargos. Foi governador de nosso Estado, ministro das Relações Exteriores etc. Sabem onde nasceu? Em Itajaí, cidade catarinense. Viram vocês que não é qualquer pessoa que devemos chamar de quinta-coluna, pois “quinta-coluna” quer dizer: “Traidor” (Grifo nosso).⁷³

Mas os temas dos concursos promovidos pela Liga Pró-Língua Nacional também atuaram em vias de mão dupla. No concurso de redação promovido pela Liga envolvendo dois grupos escolares, o Lauro Müller e o Luiz Delfino, em 1943, um dos temas era “Vitória”, o vencedor, do Grupo Escolar Luiz Delfino, exaltava:

Vitória! Oh que doce palavra tão esperada por todos nós brasileiros! [...] Como seria ruim se não tivéssemos tão bons presidentes que até agora sempre concorreram para a nossa vitória! *Como é triste uma guerra!* Vão partir irmãos, pais, parentes para a amarga guerra, talvez para nunca mais voltar e ver os muito queridos seus. (Grifo nosso).⁷⁴

Lê-se nessa e outras notas sobre a Guerra, a exaltação do governo brasileiro, como competente, capaz de levar a nação até a esperada vitória, ao mesmo tempo em que se lastima a face nociva da Guerra: a das perdas familiares. Outros textos também informavam que atitudes voltadas a paz, eram uma preocupação constante, tanto quanto aquelas aliadas ao medo da Guerra e a crença na vitória, como por exemplo, na capa dos números

⁷¹ Auri Rodrigues Alvez, 1º ano Complementar, *A Criança Brasileira*, ano I, 4-5, 1942, p. 3.

⁷² Termo que surgiu durante a guerra civil espanhola e usado para designar aqueles que, em Madri, apoiavam as quatro colunas que marchavam contra o governo da Frente Popular Republicana do presidente Azaña. Durante a Segunda Guerra foi utilizado para referir-se àqueles que agiam sub-repticiamente num país em guerra, ou em vias de entrar na guerra, preparando ajuda em caso de invasão ou fazendo espionagem e propaganda em favor do Eixo. Ver em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/glossario/quinta_coluna. (Consultado em 21 de janeiro de 2020).

⁷³ *A Criança Brasileira*, ano 2, 7-8, nov., 1943, p. 2.

⁷⁴ João Brückheimer, *A Criança Brasileira*, ano 2, 6, ago. 1943, capa.

13/14, de agosto de 1944, que trazia a manchete: “O perigo das leituras más e o valor das boas leituras”. O texto, que ocupou as quatro colunas, incentivava a leitura da “mais bela revista infantil”, *O Tico-Tico*⁷⁵, em detrimento de outros gibis que incentivavam a brutalidade ou comportamento violento. Para reforçar o argumento, o texto contava a história de Luizinho, um garoto inteligente, que teria verdadeira adoração por gibis. Só que, certo dia, Luizinho “agrediu brutalmente um de seus colegas” durante a aula. O texto perguntava então: “Será, Luizinho, realmente mau e incapaz de praticar o bem?”. Para a articulista ele não era mau, mas sim mal influenciado por alguns gibis. Caberia as autoridades condenar leituras perniciosas que incentivam a violência e promover leituras, como a da revista *O Tico-Tico* que não trazia “contos fantásticos nem caras horríveis que amedrontam; tudo é simples, alegre e educativo”.⁷⁶

Bem mais que o *Pétalas*, o jornal *A Criança Brasileira* caracterizava-se por fazer circular acontecimentos políticos que afetavam o cotidiano dos brasileiros. Muito possivelmente apropriados de leituras de outros jornais (não escolares), diferentes notícias eram mediadas pela escrita dos estudantes e iam parar nas páginas do jornal da escola Lauro Müller. Na capa do exemplar publicado em outubro de 1947, referente aos números 41-42, uma fotografia do presidente norte-americano Harry Truman, ilustrava a matéria “A grande amizade internacional americana” que, na verdade, fazia circular a “Conferência Latino Americana para Manutenção da Paz e Segurança” ocorrida no Brasil em setembro de 1947. O texto destacava a importância da amizade entre os países, de suma importância “nos tempos que atravessamos, cheios de dificuldades políticas e financeiras”.⁷⁷

As páginas desse jornal, como já afirmado, valorizavam sobremaneira questões políticas, noticiando o presente do país, contribuindo para a formação de crianças patrióticas, idealizadas num projeto no qual não cabiam vozes dissonantes. Essas eram ocultadas. As culturas política, escolar e histórica se entrecruzam nessa década, e ultrapassam 1945. Práticas muito parecidas construídas na cultura política estadonovista seguiram ressoando, após 1945 e até 1952. É certo que Getúlio Vargas perdeu visibilidade, mas não outros heróis e muito menos Nereu Ramos. Nos números 27/28, publicados num exemplar datado de abril de 1946 (ver Figura 6) segue-se exaltando Nereu Ramos: “Santa Catarina ufana-se de seus filhos”. As associações auxiliares da escola, como a Liga Pró-Língua Nacional, seguem com suas atividades (e visibilidade) regulares sendo noticiadas nesse jornal até 1951. Instigante pensar que Tiradentes, Dom Pedro I, Dom Pedro II e até a Princesa Isabel são reposicionados no rol de heróis, conformando um país ainda imaginado, de narrativas únicas até a extinção do jornal.

⁷⁵ A revista *O Tico-Tico* foi lançada em 11 de outubro de 1905 e só deixou de ser publicado em 1957. É considerada a primeira revista de história em quadrinhos do país.

⁷⁶ Maria Salomé Delfino, 2º ano complementar. *A Criança Brasileira*, ano III, n. 13/14, ago. de 1944, capa.

⁷⁷ Nita da Silva, 2º ano complementar, *A Criança Brasileira*, n. 41-42, outubro de 1947.

Considerações finais

A força pela qual determinado artefato pode se impor aos nossos olhos abre margens para se pensar que não há uma essência evidente ou a ser procurada. Esse é o fundamento que se coloca quando o objeto assume a condição de documento histórico, matéria prima da interpretação histórica. Não é mais o objeto em si que interessa, e sim o objeto em *situação*, ou seja, aquele que ganha forma e densidade na medida em que está em determinada situação.⁷⁸

Considerados como artefatos integrantes da educação escolarizada e reconhecidos como participantes do universo da cultura material escolar os jornais escolares impressos ou manuscritos quase sempre se destinam ao lixo ou ao fogo. Milagrosamente salvos dessa sanha destruidora, estas escritas escolares chegaram até os dias de hoje para nos permitir ampliar a dimensão da noção de documento e contribuir para a construção de uma narrativa que, pelas mãos do pesquisador/ historiador, seja colocada *em situação* e, como tal, alvo de um controle do sentido.

Apresentados como componentes essenciais da educação infantil do processo de escolarização, esse estudo dos e nos jornais escolares contribuiu para certo conhecimento dos fazeres estudantis. Isso porque colocou em evidência circunstâncias destinadas a fazer compreender as diferentes formas de como as instituições escolares fizeram circular preceitos legais que entrecruzavam noções civilizatórias de cunho pacifistas e patrióticos. Ali expostas, nos jornais escolares em estudo, permitiram melhor compreender a permeabilidade entre as práticas políticas e as práticas escolares cotidianas, bem como quais normas e valores contribuíram para determinar a representação que os sujeitos e coletividades do passado fizeram de si mesmos e intentaram legar às sociedades do futuro.

As questões higiênicas e civilizatórias ligadas à educação patriótica, moral e intelectual das crianças, no ambiente dos colégios, eram as que mais absorviam a atenção dos educadores. Os estudos de Rosa Fátima de Souza⁷⁹ mostraram que desde os inícios do século XX, a aplicação das noções científicas, especialmente àquelas relacionadas à higiene, à civilidade e ao fortalecimento da língua nacional, consubstanciavam o ideal de ordenação do universo urbano, no Brasil. Dessa forma, a escola vinculava-se às estratégias e saneamento dos espaços públicos e marcava sua inserção duradoura nos projetos médico-pedagógicos. Pode-se considerar que, se havia para a escola um aspecto intervencionista e de cunho totalmente prescritivo nos inícios do século XX, este aspecto passa, gradativamente, para uma fase mais ligada à orientação, nas décadas subsequentes. A importância de tais projetos, especialmente higiênicos e civilizatórios, na escola primária é, igualmente, registrada nos estudos de Heloisa Helena Pimenta Rocha⁸⁰ para quem, desde

⁷⁸ Francisco Régis Lopes Ramos, "As utilidades do passado na biografia dos objetos", em *Futuro do Pretérito: Escrita da História e História do Museu*, org. Manoel L. S. Guimarães e Francisco R. L. Ramos (Fortaleza/CE: Instituto Frei Tito Alencar/Expressão Gráfica Editora, 2010), 75.

⁷⁹ Rosa Fátima de Souza, *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. (São Paulo: UNESP, 1998), 178.

⁸⁰ Heloisa Helena Pimenta Rocha, "Prescrevendo regras de bem viver: cultura escolar e racionalidade científica", *Cadernos CEDES* 20, 52 (2000), <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622000000300005>. (Consultado em 10 de

as décadas iniciais do século XX, variados dispositivos utilizados nas escolas contribuíram para uma persuasão do leitor em torno da fixação de um conjunto de hábitos de higiene e civilidade, voltados para a preservação da educação individual e coletiva na formação escolarizada.

Considera-se, igualmente, que as escolas contribuíram para a intensificação do movimento higiênico e que foram impulsionados pelas prescrições legislativas que forçavam inserções curriculares dessa ordem, na qual os jornais escolares representavam uma estratégia de divulgação e propagação das regras de formação do corpo sadio, civilizado do adulto e da consciência nacionalista a ser plasmada na idade infantil.

Componentes de uma cultura material escolar e trabalhadas na confluência da história da cultura escrita (aspectos gráficos, disposição geográfica do escrito) com a história da educação (diferentes níveis de alfabetização, relato de fazeres cotidianos da escola, modalidades diferenciadas de apropriação das regras de bem escrever) a coleção de jornais constitui um arquivo. O arquivo marca um tempo e cria possibilidades para pensar em uma perspectiva ampliada de patrimônio histórico-cultural capaz de sensibilizar estudiosos e instituições para a gestão e preservação desses materiais para a escrita da história da Educação.

Neste trabalho, em especial, pôde-se perceber nos vários textos escritos e/ou copiados, o investimento dispensado pela escola na composição de regimes de regras que pretendiam, supervisionados pela direção/professores/pais, regulamentar e reforçar os costumes e os práticas culturais desejadas em infinitos matizes. Estabeleciam redes de poder entre e estudantes, professores e família como práticas de ordenamento e ajuste às novas condições que se impunham a outros valores de vida.

Procurou-se, igualmente, destacar a importância desse material manuscrito analisando-o como um dos construtores da cultura material escolar e uma das possibilidades de estudar a história das instituições escolares e da cultura escrita⁸¹, a partir da materialidade da escolarização. Este esforço de interpretação, pelas lentes da História constitui-se, também, em uma tentativa de apreender, através desse conjunto de textos, indícios de saberes e práticas escolares vigentes no período. O investimento neste âmbito de pesquisa almeja colocar em cena o jornal como foco de difusão pedagógica por meio de idéias, debates e propostas relacionadas às diversas formas de apresentação, iniciação e consolidação das práticas de escrita na escola.

Enfim, se quis dimensionar esses jornais como também construtores da cultura material escolar e meios de se ensinar. Eles atuavam no processo ensino-aprendizagem veiculando em seus conteúdos representações e imaginários hegemônicos, consolidaram propostas pedagógicas e se constituem, hoje, como espaços de memória que sinalizam códigos de vida das instituições que as conformaram.

maio de 2019).

⁸¹ Silva, "Cultura escolar e cultura política".

Vencidos pelo tempo, estes jornais conservam registros de alunos e alunas que, aleatoriamente, construíram, pela escrita, uma dada memória para suas experiências escolares e que permitem considerá-los como arautos de ensinamentos patrióticos, morais, intelectuais e pacifistas. Que estes exemplares tenham, depois de setenta anos, chegado até nós é motivo de maravilamentos tanto por ampliar o horizonte de investigação, com ênfase no contexto material, como por evidenciar aspectos menos visíveis da história da escola e, certamente, podem produzir outros sentidos para além dos aqui discutidos.

Fontes

Legislação

Brasil, *Decreto nº 19.890, de 18 de Abril de 1931*. Dispõe sobre a organização do ensino secundário, 1931, <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19890-18-abril-1931-504631-publicacaooriginal-141245-pe.html>. (Consultado em 13 de janeiro de 2019).

Brasil, *Decreto-Lei nº 4.244, de 9 de Abril de 1942*. Lei orgânica do ensino secundário, 1942, http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De14244.htm. (Consultado em 13 de janeiro de 2019).

Brasil, *Decreto-Lei nº 8.529, de 2 de janeiro de 1946*. Lei orgânica do ensino primário, 1946, <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8529-2-janeiro-1946-458442-publicacaooriginal-1-pe.html>. (Consultado em 13 de janeiro de 2019).

Brasil, *Decreto-Lei nº 8.530, de 2 de janeiro de 1946*. Lei orgânica do ensino normal, 1946, <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8530-2-janeiro-1946-458443-publicacaooriginal-1-pe.html>. (Consultado em 13 de janeiro de 2019).

Brasil, *Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971*. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências, 1971, http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm. (Consultado em 13 de janeiro de 2019).

Brasil, *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, 1996, http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. (Consultado em 13 de janeiro de 2019).

Santa Catarina, *Decreto-Lei Estadual nº 2.991, de 28 de abril de 1944*. Estabelece instruções para as associações auxiliares da escola nos estabelecimentos de ensino estaduais, municipais e particulares. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1944.

Santa Catarina, *Decreto-Lei Estadual nº 298, de 18 de novembro de 1946*. Lei Orgânica do Ensino Primário no Estado de Santa Catarina) Legislação Estadual: decretos-leis, decretos, resoluções e portarias, 1946. Acervo Apesc.

Santa Catarina, Decreto nº 3.735, de 17 de dezembro de 1946. Regulamento para os estabelecimentos de ensino primário no Estado de Santa Catarina. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1946.

Periódicos consultados

Jornal *O Estado*, Florianópolis, nº. 10134, 10 de dezembro de 1947.

Jornal *A Criança Brasileira*. Grupo Escolar Lauro Müller. Exemplares de 1942, 1943, 1944, 1945, 1946, 1947, 1948, 1949, 1950, 1951, 1952.

Jornal *Pétalas Infantil*. (Manuscrito). Colégio Coração de Jesus. Exemplares de 1945, 1946, 1947, 1948, 1950, 1951 e 1952.

Revista *Pétalas*. Colégio Coração de Jesus. Florianópolis: Tipografia dos Artífices, 1933.

Bibliografia

Artières, Philippe. "Arquivar a própria vida". *Estudos Históricos* 11, nº. 21 (1998), <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>. (Consultado em 27 de abril de 2018).

Bastos, Maria Helena Camara. "As revistas pedagógicas e a atualização do professor: a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1992)." En *Educação em Revista: a imprensa periódica e a História da Educação*, organizado por Denice Barbara Catani e Maria Helena Camara Bastos, 47-76. São Paulo: Escrituras, 2002.

Bastos, Maria Helena Camara. "Impressos e cultura escolar. Percursos da pesquisa sobre a imprensa estudantil no Brasil". En *La prensa de los escolares y estudiantes. Su contribución al patrimonio histórico educativo*, organizado por José Maria Hernández Díaz, 21-43. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2015.

Carvalho, Marta. *Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação*. (1924-1931). São Paulo: EDUSF, 1998.

Castillo Gomes, António, coord., 2002. *Historia de la cultura escrita. Del Próximo Oriente Antiguo a la sociedad informatizada*. Madrid: Ediciones Trea.

Castillo Gomes, António e Sierra Blas, Verónica, coord., 2008. *Mis primeros pasos. Alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (siglos XIX y XX)*. Madrid: Ediciones Trea.

Chartier, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1989.

Cunha, Maria Teresa Santos. "Mensageiro de sociabilidades: estudo sobre um jornal escolar infantil (Florianópolis, 1946-1952)". En *História, cidade e sociabilidade*, organizado por Antonio Morga, 235-250. Itajaí/SC: Casa Aberta, 2011.

Cunha, Maria Teresa Santos. "Das mãos para as mentes. Protocolos de civildade em um jornal escolar/SC (1945-1952)". *Educação em Revista*, 49 (jul./set. 2013): 139-159.

- <https://doi.org/10.1590/S0104-40602013000300009>. (Consultado em 01 de março de 2019).
- Cunha, Maria Teresa Santos. “Folhas voláteis, papéis manuscritos: o pelotão de saúde no jornal infantil Pétalas (Colégio Coração de Jesus - Florianópolis/SC, 1945-1952)”. *História da Educação*. (Online) Porto Alegre, 40 (mai./ago. 2013): 251-266. <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/38096> (Consultado em 15 de março de 2019).
- Escolano Benito, Agustín. *A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia*. Tradução e revisão técnica de Heloisa Helena Pimenta Rocha and Vera Lucia Gaspar da Silva. Campinas/SP: Editora Alínea, 2017.
- FGV. CPDOC. *Glossário Era Vargas*. https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/glossario/quinta_coluna. (Consultado em 21-01-2020).
- Fáveri, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*. Itajaí: Univali; Florianópolis: UFSC, 2004.
- Fiori, Neide Almeida. *Aspectos da evolução do ensino público: ensino público e política de assimilação cultural no Estado de Santa Catarina nos períodos Imperial e Republicano*. Florianópolis/SC: EdUFSC/Secretaria da Educação do Estado de Santa Catarina, 1991.
- Galvão, Ana Maria de Oliveira, coord. *História da Cultura Escrita: séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.
- Heinz, Flávio. “O historiador e as elites: à guisa de introdução”. En *Por outra história das elites*, organizado por Flávio Heinz, 7-16. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- Lawn, Martin. “Uma pedagogia para o público: o lugar de objetos, observação, produção mecânica e armários-museus”. *Linhas*, 26, (2013): 222–243, <http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723814262013222>. (Consultado em 14 de março de 2020).
- Luca, Tania Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. En *Fontes históricas*, organizado por Carla Bassanezi Pinsky, 111-202. São Paulo: Contexto, 2006.
- Mignot, Ana Chrystina Venâncio, coord. *Cadernos à vista. Escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EdUERJ., 2008.
- Peres, Eliane. “O ensino da Linguagem na escola primária gaúcha no período da renovação pedagógica (1930-1950)”. En *Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX - XX)*, organizado por Eliane Peres e Elomar Tambara, 75-94. Pelotas: Seiva, 2003.
- Ramos, Francisco Régis Lopes. “As utilidades do passado na biografia dos objetos”. En *Futuro do Pretérito: Escrita da História e História do Museu*, organizado por Manoel Luiz Salgado Guimarães e Francisco Régis Lopes Ramos, 50-77. Fortaleza/CE: Instituto Frei Tito Alencar/Expressão Gráfica Editora, 2010.

- Ricoeur, Paul. *Tempo e narrativa* [volume 3, O tempo Narrado]. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- Rocha, Heloisa Helena Pimenta. "Prescrevendo regras de bem viver: cultura escolar e racionalidade científica". *Cadernos CEDES* 20, n.º. 52 (2000), <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622000000300005>. (Consultado em 10 de maio de 2019).
- Rocha, Heloisa Helena Pimenta. "História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial". En *Culturas escolares, saberes e práticas educativas. Itinerários Históricos*, organizado por Marcus Levy Bencostta, 163-191. São Paulo: Cortez, 2008.
- Silva, Cristiani Bereta da. "Cultura escolar e cultura política: projeto de nacionalização e o jornal escolar *A Criança Brasileira* (Santa Catarina, 1942-1945)". *História da Educação* 17, n.º. 40 (2013), 175-195. <http://dx.doi.org/10.1590/S2236-34592013000200009>. (Consultado em 10 de maio de 2019).
- Silva, Cristiani Bereta da. "História do Brasil como saber escolar nos livros didáticos dos exames de admissão ao ginásio (1931-1971)". *Revista de História e Historiografia da Educação*, 2, n.º.5 (2018), 114-141. <https://revistas.ufpr.br/rhhe/article/view/57643>. (Consultado em 21 de janeiro de 2019).
- Souza, Rosa Fátima de. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: UNESP, 1998.
- Souza, Rosa Fátima de. "História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial". En *Culturas Escolares, Saberes e Práticas Educativas*, organizado por Marcus Levy Bencostta, 163-189. São Paulo: Cortez, 2007.
- Vidal, Diana Gonçalves e Gvirtz, Silvina. "O ensino da escrita e a conformação da modernidade escolar: Brasil e Argentina, 1880-1940". *Revista Brasileira de Educação* 8 (1998): 13-30.
- Vinão Frago, Antonio. *Leer y escribir. Historia de dos practicas culturales*. México: Voces y Vuelos, 2002.